

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

O POVOAMENTO RURAL ISLÂMICO NA *KURA* DE ALCÁCER DO SAL: BREVE ANÁLISE DA TOPONÍMIA

Marta Isabel Caetano Leitão¹

RESUMO

O presente trabalho pretende, através da análise da toponímia de origem árabe e berbere na cartografia, dar a conhecer os modelos de povoamento e de ordenamento territorial no espaço geográfico que corresponderia, em parte, ao território da *kura* de Alcácer do Sal durante a ocupação muçulmana. Para além do actual concelho de Alcácer do Sal foram considerados, para efeitos desta investigação, a região da Península de Setúbal, os concelhos de Grândola, Santiago do Cacém, Sines e Odemira e algumas regiões do distrito de Évora, nomeadamente Alcáçovas, Cabrela e São Brás do Regedouro, freguesia hoje extinta e que integra actualmente a freguesia de Nossa Senhora da Tourega no concelho de Évora.

Palavras-chave: Arqueologia Medieval Islâmica, Território, Toponímia, Povoamento, Fortificações.

ABSTRACT

This paper intends to present, through the analysis of the toponymy of arab and berber origin in cartography, the models of settlement and territorial planning in the geographic space that would correspond, partly, to the territory of the Alcácer do Sal *kura* during the muslim occupation. For the purposes of this investigation, and besides the current municipality of Alcácer do Sal, other regions were considered, such as the region of the Setúbal Peninsula, the municipalities of Grândola, Santiago do Cacém, Sines and Odemira and some regions of the district of Évora, namely Alcáçovas, Cabrela and São Brás do Regedouro, a parish now extinct and which currently integrates the parish of Nossa Senhora da Tourega in the Évora municipality.

Keywords: Islamic Medieval Archeology, Territory, Toponymy, Settlement, Fortifications.

1. OS LIMITES DO TERRITÓRIO

Não são conhecidos, na totalidade, os limites que abrangiam o território da *kura* de Alcácer do Sal e nem as várias oscilações que o mesmo sofreu desde o século VIII ao XIII. Contudo, sabe-se através das fontes escritas, quer islâmicas, quer cristãs, que aquela possuía um território muito vasto. No século VIII, quando chegaram os primeiros contingentes muçulmanos à cidade, a mesma passou a fazer parte da *kura* de Beja, possuindo nessa altura, possivelmente, um pequeno território que não ultrapassaria os limites do actual concelho (Rei, 2012, p. 117).

Após a instalação dos *Banu Danis* na cidade, a partir da segunda metade do século IX, aquela terá cresci-

do economicamente, fazendo com que no século X, sob o domínio Califal, fosse elevada a capital de distrito, cujo seu território ia desde a Serra da Arrábida à Serra de Grândola e Cercal, dominando, portanto, povoações como Palmela, Grândola, Sines, Santiago do Cacém e Odemira (Levi-Provençal e Garcia Gómez, 1950, p. 158; Picard, 2000, p. 194).

Este território deve ter-se mantido, sem grandes flutuações, após a queda do Califado e a emergência dos Reinos de Taifas, contudo durante o domínio Almorávida, dados os constantes avanços e recuos da reconquista cristã para Sul, o domínio de Alcácer abrangia, pelo menos no plano militar, segundo o geógrafo *al-Idrisi*, parte do Alentejo e da Estremadura espanhola até Coria (Coelho, 2008, p. 51).

1. Bolseira de Doutoramento na Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Instituto de Arqueologia e Paleociências (IAP) – Universidade Nova de Lisboa; martaleitao11@gmail.com

O seu território teria crescido consideravelmente nessa altura e com a chegada dos Almóadas, em 1191, aquele teria sofrido algumas alterações, uma vez que para Norte, a povoação de Palmela já estaria sob o domínio cristão, perdendo a *kura* de Alcácer parte desses domínios, assim como para Sul com a perda da cidade de Évora, que também já estaria em posse dos cristãos. Ainda assim, apesar de já não deter o controlo dessas regiões, o espaço geográfico que abrangia a totalidade da *kura* alcacerense continuaria a ser muito vasto, tendo, possivelmente, adquirido outros territórios que anteriormente fariam parte da *kura* de Beja e do Reino de Taifa de Évora. Após a reconquista cristã definitiva, em 1217, a cidade foi entregue à Ordem de Santiago que ali viria a instalar a sua sede e todos os territórios que outrora estariam sob a sua alçada durante o Período Almóada, passaram a integrar os domínios da respectiva Ordem. Nessa altura o seu termo compreendia as vilas de Grândola, Santiago do Cacém, Sines, Vila Nova de Milfontes, Odemira, Alvalade, Torrão, Ferreira do Alentejo, Cabrela e Canha. Todavia, poucos anos após a tomada da cidade, vários daqueles territórios tornaram-se independentes, como é o caso de Cabrela, que se separou em 1220, Canha que recebeu carta de foral em 1235, o Torrão e Santiago do Cacém que se autonomizaram em 1249, Alvalade que passou a constituir termo próprio em 1252, tal como Odemira em 1256 e Sines em 1274. Grândola viria a autonomizar-se apenas em 1544 (Cardoso, 1947, p.139; Baião, Cidade e Múrias, 1940, p. 61; Pereira, 2000, pp. 52-53).

2. A TOPONÍMIA DE ORIGEM ÁRABE

Na região em estudo pode-se encontrar mais de uma centena de topónimos de origem árabe que reflectem a forte presença daquele povo no território ao longo dos séculos VIII e XIII. Contudo, é importante salientar que o surgimento de alguns desses topónimos pode ter sido posterior à reconquista cristã, não estando, por isso, relacionados com a ocupação muçulmana, embora sejam derivados da língua árabe, tendo permanecido, posteriormente, no português corrente. É o caso, sobretudo, de vocábulos como aldeia, azenha, açougues, zambujeiro, entre outros. Ainda assim, a conservação de tais termos durante o domínio cristão, parece denunciar uma clara presença muçulmana no espaço geográfico que agora se analisa (Figura 1).

A toponímia de origem árabe na região que correspondia, grosso modo, à *kura* de Alcácer do Sal estende-se pela terminologia relativa ao povoamento, sistemas defensivos, actividades de exploração económica e extractivas, orografia dos terrenos, vegetação, caminhos, água e técnicas de irrigação, mas também por termos de carácter administrativo, religioso, bélico e clânico. Inclui termos relativos a unidades de povoamento como *al-qarya* (alcária), *al-day'a* (aldeia), *al-munya* (almoinha), *al-madânî* (almandanim), *ad-dawâr* (aduares), *alb âraq* (alberge e albergaria), *qarâ bahîj* (penique) e de fortificações como *al-qala'a* (alcalá), *hisn* (asna/asneirinho), *at-talâya* (atalaia), *qal'at al-harag* (catifarras), *sajra* (chagas), *murtabâ* (murtal) e *burj* (porches/ portancho/parchanas) (Tabelas 1 e 2).

| Topónimo | Concelhos | Origem/Significado |
|--|---|--|
| Alberge/Albergaria | Alcácer do Sal | <i>alb âraq</i> , “tosco, lugar de insónia” – estalagem (Alves, 2013, p. 112) |
| Alcária/Alcarial/Alcariota/Caria/Caieira | Alcácer do Sal, Grândola, Montemor-o-Novo (Cabrela), Odemira, Palmela e Santiago do Cacém | <i>al-qariyya</i> , “a povoação”, “a aldeia” (Machado, 1958, pp. 152-153; Alves, 2013, pp. 126; 370) |
| Aldeia | Montemor-o-Novo (Cabrela) e Santiago do Cacém | <i>al-day'a</i> , “o povoado” (Machado, 1958, p. 175; Alves, 2013, p. 137) |
| Aduares | Santiago do Cacém | De aduar, <i>ad-dawâr</i> , “a aldeia”, “o povoado”, “o acampamento” (Alves, 2013, p. 89) |
| Almandanim | Santiago do Cacém | <i>al-madânî</i> , “a medina”, “o cidadão” (Alves, 2013, p. 174) |
| Almoinha/ Armuinha | Santiago do Cacém e Sesimbra | <i>al-munya</i> , “a horta”, “a quinta” (Alves, 2013, p. 191; López Cuevas, 2014, p. 162) |
| Penique | Alcácer do Sal | De carapenique (?), <i>qarâ bahîj</i> , “povoação bonita” (Alves, 2013, p. 369) |

Tabela 1 – Topónimos relacionados com unidades de povoamento.

| Topónimo | Concelhos | Origem/Significado |
|---------------------------------|--|---|
| Alcalá/Alcalainha | Évora (São Brás do Regedouro) | <i>al-qalā'a</i> , “o castelo” (Acién Almansa, 2001, pp. 61-64; Alves, 2013, p. 120) |
| Asna/Arneirinho/ Asneirinho | Alcácer do Sal, Grândola, Odemira, Santiago do Cacém e Sines | <i>hisn</i> , “a fortaleza”, “o castelo” (Marques, 1993, p. 194; Leitão e Vivas, 2009, p. 226) |
| Atalaia | Alcácer do Sal, Alcochete, Grândola, Montemor-o-Novo (Cabrela), Montijo, Odemira, Palmela, Santiago do Cacém e Viana do Alentejo (Alcáçovas) | <i>at-talâya</i> , “os lugares avançados”, “lugar alto donde se exerce vigilância” (Machado, 1997, p. 280; Alves, 2013, p. 250) |
| Catifarras | Santiago do Cacém | <i>qal'at al-harag</i> , “torre do imposto” (Leitão e Vivas, 2009, p. 229) |
| Chagas | Alcácer do Sal | <i>sajra</i> , “penha fortificada”, “promontório escarpado com funções de vigilância” (Leitão e Vivas, 2009, p. 229) |
| Murtal | Évora (São Brás do Regedouro) | De murteda (?), <i>murtabâ</i> , “posto alto de vigia” (Alves, 2013, p. 668) |
| Porches/Portancho/ Parchanas | Alcácer do Sal | <i>burj</i> , “torre”, “castelo” (Alves, 2013, p. 710) |

Tabela 2 – Topónimos relativos a fortificações.

Surgem igualmente topónimos de cariz religioso como *ʿabd allâh* (abelá), *ʿayn ad-dîn* (aiana), *munt xâqar* (Monchique), *muhsin* (murfacém), *Balmallâ* (Palmela/Palmelas) e outros ligados directamente a edifícios religiosos através de *al-masjid* (almagede), *az-zâwiya* (azóia) e *masjid* (mesquita), mas, também, com funções militares tais como *ar-râbita* (Ar-râbida). Outros podem ser relacionados com o poder e a administração dos territórios através dos termos *ad-dalîl* (adail), *ad-farâmîn* (alfarim), *al-garb* (Algarve), *ar-rayyis* (arraís), *as-saytara* (asseiceira), *kûra* (courela), *xarama* (Xarrama), enquanto outros referem-se a actividades bélicas como *al-barda'a* (albardeiras), *al-mugawâr* (almogrove/almogrove) e *barâ'a* (baralha) (Machado, 1997, p. 186).

No que respeita à paisagem surgem alguns nomes relativos à topografia dos terrenos e dos recursos geológicos e naturais, através dos vocábulos *âf* (afeiteira), *al-harrâra* (alferrara), *al-jarûz* (algeruz), *al-gâr* (algares), *al-marj* (almargue/almargens), *al-burûjî* (alpertuche), *anît* (aniza), *ar-ru'ûws* (arrouçada), *barâh* (brejo), *qulla* (colo), *ax-xaraf* (enxarafe), *al-jazîra* (lezírias), *lawha* (lousal/louseira), *anfâ* (nafia), *al-bartîl* (portela/ portelinha), *samûq* (samouco/samouqueira/o) e *sil* (silveiras) (Alves, 2013).

Outros nomes alusivos à água e às técnicas de irrigação parecem ter particular relevo, desde *araba* (arapouco), *ar-rîf* (arrifoias), *as-sanya* (assenha/azena/atafona), *qanâya* (canha), *axaqâf* (enxacafres),

mal birka (malpique), *batîha* (patameira), *ranan* (rangina) e *turra* (Torrão), assim como os relacionados com a agricultura, designadamente *ad-da'ma* (adema), *al-galî* (algalé), *al-uzayla* (algoceira), *al-qalîb* (alqueivinho/ alqueiveiros), *al-binâ* (alvião), *rabasa* (arrabacinha/ rabaça/rabaçal/rabasqueira), *ar-ragâda* (arregota), *marana* (marnel), *rabîda* (rabiça), *rummâna* (romeiras), *barwaza* (várzea/ verge) e com a actividade pecuária, a partir de *ad-dûla* (ádua), *barr bâ'id* (barbadinho), *gannâm* (ganhão), *gamlî* (gamita) e *zarîba* (sebe). Outros são respeitantes à flora como *al-harxûfa* (alcachofra), *ad-darû* (aroeiras), *hayy* (faias), *xaqwarî* (sargaçal), *tarfa* (tarrafeiro) e *zabbûj* (zambujeira/zambujal) (Marques, 1993, pp. 163-164).

Alguns topónimos referem-se a caminhos, através dos termos *alama* (álamos/almo), *an-nixân* (anixa), *al-balât* (alvalade), *as-samt* (assenta) e *fanâr* (fanais). Surgem ainda outros relacionados com as actividades de comércio, pesca e extracção como *as-sûq* (açougues), *al-kubxa* (Alcobaça), *al-dabba* (aldrava), *al-anbar* (alambre), *al-fibr* (alfebre/Alfebrinho), *al-marjûm* (almarjão/almarjões), *arîx* (arez), *balasân* (baleizão), *barrî* ou *barga* (barrancão, barrosinha/barrada), *burd* (burdo), *qadaba* (cadaveira), *quff* (cufenos), *gaxx* (gacha), *malâ'a* (malhadas), *bidra* (piçarral), *burûn* (porrão), *rahj al-gâr* (rosalgar), *safîr* (safira), *tâbiyya* (taipas/taipadas) e *taraqa* (trancão) (Alves, 2013).

A presença berbere está atestada por alguns topónimos de origem clânica e onomástico-étnico, assinaladamente *abûl* (abul), *badawî* (Beguíno), *Banu...* (?) (Bemcaniz, Bemposta, Bemfeita, Bem parece, Benagala), *Banu Qasim* (Bem casados), *Banu Isa* (Banaíça), *Banu + Fátima* (Benafátima), *Ben al-Wazîr* (Benagazil/Benagazilinho), *Banu 'Amir* (Benamor), *Ben 'Abîd* (Benavide/Benavidinho), *Ben Agâ* (Be-

nega), *Ben 'Affân* (Bonfim), *Banu Qasim* (Cacém), *gil* (Gil) e *Luwata* (Lobatos) (Tabela 3). Por último, surgem outros topónimos de origem árabe, desde *al-jayyida* (algedas), *al-barî* (alvarengas/alvarotes), *ar-rauq* ou *ar-rûqa* (arouca), *labba* (Lapa), *xaqabân* (Sacavena), *xibâl* (Sancadilha), assim como outros de significado indeterminado como Lá aparece e Machamim (*Idem, ibidem*).

| Topónimo | Concelhos | Origem/Significado |
|-------------------------------------|--|--|
| Abul | Alcácer do Sal | <i>abûl</i> , “pai de [alguém]” (Alves, 2013, p. 68) |
| Beguíno | Santiago do Cacém | De beduíno (?), <i>badawî</i> , “habitante do deserto” (Alves, 2013, p. 228) |
| Bemcaniz | Odemira | De <i>Banu...</i> (?), clã berbere (Marques, 1993, p. 140) |
| Bemposta | Alcácer do Sal, Odemira, Santiago do Cacém e Sines | Idem |
| Bemfeita | Odemira | Idem |
| Bem parece | Grândola, Santiago do Cacém e Sines | Idem |
| Bem casados | Odemira | De <i>Banu Qasim</i> , clã berbere (Marques, 1993, p. 141) |
| Banaíça | Santiago do Cacém e Sines | De <i>Banu Isa</i> , clã berbere (Marques, 1993, p. 140) |
| Benafátima | Odemira | <i>Banu + Fátima</i> (Machado, 1958, p. 25) |
| Benagazil/ Banagazil/ Benagazilinho | Alcácer do Sal e Santiago do Cacém | De <i>Ben al-Wazîr</i> , clã berbere (Machado, 1958, p. 25; Alves, 2013, p. 311) |
| Benagala | Santiago do Cacém | De <i>Banu...</i> (?), clã berbere (Marques, 1993, p. 140) |
| Benamor | Odemira | De <i>Banu 'Amir</i> , clã berbere (Marques, 1993, p. 141) |
| Benavide/Benavidinho | Odemira | <i>Ben 'Abîd</i> , “filho do adorador” (Alves, 2013, p. 313) |
| Bonfim | Setúbal | De Benafim (?), <i>Ben 'Affân</i> “filho do puro” (Alves, 2013, p. 310) |
| Cacém | Santiago do Cacém | De <i>Banu Qasim</i> , clã berbere (Marques, 1993, p. 139) |
| Gil | Montijo, Santiago do Cacém | <i>gil</i> , “tribo”, “nação” (Alves, 2013, p. 544) |
| Lobatos | Alcácer do Sal | De <i>Luwata</i> , tribo berbere (Marques, 1993, p. 139) |

Tabela 3 – Topónimos de origem clânica e onomástico-étnico.

3. A ORGANIZAÇÃO DO POVOAMENTO RURAL À LUZ DA TOPONÍMIA

Quando *Ibn Saïde* descreve o território do *al-Andalus*, no século XIII, na sua obra *al Mughrad biholi-l-Maghreb*, refere o seguinte: “Quando falei em dar uma adequada e justa descrição do *Al-Andalus*, quis dizer que é um país cercado pelo mar, abundante em frutos e produções de todo o género, com muitas cidades e vilas, e de tal modo povoadas que, se um viajante percorre uma certa distância, encontra a cada passo no seu caminho aldeias, cidades e vilas rústicas e campos cultivados e nunca se deparará, como é geralmente o caso noutros países, com grandes porções de terra não cultivada ou deserto. Isto está ligado também aos hábitos dos andaluzes

que, em vez de viverem todos juntos, agrupados em cidades e aldeias, como fazem os egípcios, preferem residir em casas pequenas e habitações no meio dos campos, à beira de regatos e no declive de montanhas, o que dá ao país um aspecto de conforto e prosperidade que o viajante procurará em vão noutras partes.” (Coelho, 2008, p. 63).

Através desta descrição de *Ibn Saïde* podemos compreender como estava organizado o território do *al-Andalus*. Segundo aquele, encontravam-se dispersas pelo território, não muito distantes entre si, várias pequenas unidades de povoamento que exploravam a terra e que se localizavam em zonas elevadas e perto de cursos de água. De facto, os muçulmanos são conhecidos pelas grandes técnicas inovadoras que empreenderam nas formas de cul-

tivo da terra, designadamente com a criação da agricultura de irrigação que obrigava naturalmente à utilização de grandes quantidades de água para produzir excedentes. Estas necessidades faziam com que fossem privilegiados os solos mais férteis para a agricultura, preferencialmente junto de um curso de água, como um rio ou ribeira, para implantação destes povoados.

Por outro lado, o factor segurança seria outro aspecto a ter em consideração quando se elegiam os lugares para construir uma cidade ou aldeia. Sobre esta localização fala-nos *Abd al-Malik*, na sua obra *Kitab Al-Agdiya* (Tratado dos Alimentos), quando refere o seguinte: “Os melhores lugares (para viver) são os elevados, sempre que tenham desocupado o lado norte, sem montanhas que os tapem e os ultrapassem, os que estão rodeados de vinhedos e os costeiros. Os piores são os que estão ocultos por montanhas mais elevadas que eles, sobretudo se ocupam uma depressão num lugar pantanoso, com a parte orientada a norte coberta, e livre a que fica a sul, sem nenhuma montanha nem obstáculo que a tape. Estes lugares, por serem pantanosos, é de esperar que produzam enfermidades (...).” (García Sánchez, 1992). Para além da preferência por solos relativamente férteis para a instalação de habitats, também a escolha de uma zona elevada, sempre com o lado Norte desocupado e o Sul protegido por uma elevação, seria o ideal para poder-se controlar os movimentos dos exércitos inimigos que vinham do Norte e, ao mesmo tempo, estariam protegidos dos ventos e do frio tendo coberto o lado que achar-se-ia virado a Sul.

Administrativamente o território do *al-Andalus* encontrava-se organizado em várias capitais de distrito, designadas de *kuras*, que respeitavam em grande parte os limites administrativos territoriais implantados anteriormente pelos romanos, e à frente das quais estava um *wali* (governador) que era nomeado pelo poder central e que detinha o poder militar e civil. No século X, no território do *Gharb*, nomeadamente à frente do governo da *kura* de Alcácer do Sal estaria a família berbere dos *Banu Danis*, cujo *wali* nomeado pelo califa seria *Yahyā b. Abi Dānis*, enquanto no século XII, já sob o domínio dos Almóadas, o governo da cidade foi entregue, pelo califa *Ya'qub al-Mansur*, a *Muhammad b. Sidray b. Wazir*, cuja sua família teria estado anteriormente a gerir os territórios da cidade de Évora (Levi-Provençal e Garcia Gómez, 1950, p. 158; Picard, 1997, p. 230, Torres, 1997, pp. 332-335).

Por sua vez, cada *kura* possuía pequenas comarcas, denominadas de *iqlim/aqalim* que abrangiam uma pequena *madina* ou um *hisn* (castelo rural), responsável pela jurisdição de um território, designado de *hawz* (alfoz), que seria definido por limites naturais, como um cerro, curso de água ou caminho e que era composto por várias fortificações, alcarias (*qarya*) e outras unidades de povoamento de menor dimensão. Cada *hawz* (alfoz) podia possuir um governador, normalmente ligado a uma tribo árabe ou berbere, que seria responsável pela colecta de impostos e que estaria subordinado ao *wali* da respectiva *kura* onde se inseria o território (Bazzana, 1990, p. 126; Guichard, 1990, p. 199; Tahiri, 2001, p. 18).

Através das investigações desenvolvidas no *Sharq-al-Andalus* conhece-se melhor hoje como se organizava o povoamento rural muçulmano. Aquele consistia na distribuição de vários núcleos de povoamento, como alcarias e pequenas aldeias, ligadas às terras de cultivo, situadas em vales e zonas planas irrigáveis, que se organizam em redor de uma fortificação, nomeadamente um *hisn* (castelo rural), *qal'a* (alcalá) ou *ma`qil* (albacar) que, por sua vez, estaria localizado numa zona elevada e que serviria de refúgio às populações que ali se abrigariam em caso de perigo (Castillo Armenteros, 1998, pp. 201-206). Este parece ser efectivamente o padrão de organização territorial que persistiu desde o século IX à primeira metade do século XI. Contudo, a partir de finais do século XI e, sobretudo no século XII, com a instalação dos Almorávidas e Almóadas, ocorreu uma modificação nos modelos de povoamento dando-se o surgimento de novas alcarias fortificadas que passaram a concentrar a população que se acharia dispersa nos pequenos núcleos rurais, possuindo muitas delas uma torre defensiva, como é exemplo o Castelo de Salir no Algarve e a Alcaria de Torre de Bufilla em Valência (López Elum, 1994, p. 189; Catarino, 1997, p. 561).

No que respeita à organização funcional interna dessas alcarias, sabe-se, graças às fontes escritas muçulmanas, que aquelas possuíam um governo constituído por assembleias de anciãos ou *aljamas* (mesquitas) e que os seus habitantes estavam unidos por fortes laços de parentesco. Estes edifícios religiosos não eram somente espaços de culto, poderiam, analogamente, funcionar como instituições de ensino (*madrassa*), onde se aprenderia a ler e escrever, mas também várias outras ciências como matemática e geometria, tal como os princípios básicos do Co-

rão. Para além disso, eram locais ainda de reuniões e debates, sendo nesses espaços que se desenrolava a maior parte das actividades que envolviam toda a comunidade que habitava nas alcarias (Domínguez Berenjeno, 2000, p. 13; Calvo Capilla, 2004, p. 42). A vida quotidiana da comunidade estava essencialmente ligada à exploração do meio rural circundante, o qual geria e obtinha os recursos, encontrando-se, por isso, as várias casas organizadas em prol dessas actividades de carácter agrícola e agro-pecuário, podendo interferir nestes casos o concelho de anciões para decidir como estas deveriam estar dispostas. Possuíam, deste modo, espaços bastante amplos que se dividiam em várias partes, nomeadamente as propriedades privadas pertencentes a grupos parentais e que se destinavam à agricultura de regadio e sequeiro. Havia também as terras comunais destinadas ao pastoreio, caça, recolha de madeira e frutos silvestres, entre outros bens naturais e, por último, existiam as terras mortas que constituíam uma série de espaços incultos pertencentes à comunidade que, devido à sua distância do núcleo, poderiam ser cultivadas, provavelmente em sequeiro, por qualquer membro do grupo tendo em vista obter algum rendimento (Trillo San José, 2004, pp. 80-137; *Idem*, 2006, p. 244).

De acordo com os dados obtidos da toponímia para o território da *kura* de Alcácer do Sal verifica-se, à semelhança daquilo que se constata nas regiões do *Sharq-al-Andalus*, mas também no *Gharb*, nomeadamente no Algarve Oriental, que o povoamento rural muçulmano se articulava em redor de um pólo centralizar como uma pequena *madina* ou *hisn* que, ao mesmo tempo, se encontrava protegida por várias *burj* e *talâya* dispersas pelo território. A cidade de Alcácer do Sal enfrentou vários perigos ao longo de séculos, desde os ataques vikings no século IX, assim como as várias investidas cristãs, sobretudo quando aquela região foi território de fronteira, nos finais do século XII e inícios do XIII, durante o Período Almóada, encontrando-se Lisboa e Palmela já em posse dos cristãos, assim como Évora. Toda esta conjectura obrigava naturalmente à instalação de um conjunto de postos de vigia, como torres atalaias e castelos rurais, que visassem controlar os movimentos de exércitos inimigos que se poderiam aproximar da cidade.

Antes da conquista almóada, a *madina* de Alcácer do Sal encontrava-se protegida a Noroeste pelo *hisn* de Palmela e de Sesimbra, controlando aqueles o aces-

so ao estuário do Sado a partir do Norte. Em redor daqueles estruturava-se o povoamento em várias unidades de menor dimensão como é exemplo a Alcaria do Alto da Queimada (Fernandes, 2004, p. 278), situada na Serra do Louro e junto da ribeira de Corva, e a Alcaria da Portela, situada na Serra de São Francisco e junto do ribeiro de Alcube, assim como alguns ribats junto à costa, conforme denuncia o topónimo Arrábida, e diversas torres atalaia. Em redor do *hisn* de Sesimbra havia ainda uma almuinha que constituiria a residência aristocrata de um funcionário latifundiário ou de um membro da família dos *Banu Danis*, porventura de *Abd Allān b. Umar b. Abī Danis* que estaria a governar aquela zona, e alguns edifícios religiosos onde as populações fariam as suas orações, conforme sugere os topónimos Mesquita e Azóia (Figura 2).

A Norte da cidade de Alcácer encontrava-se ainda um outro *hisn*, conforme sugere o topónimo Asna, nas proximidades da actual povoação de São Martinho, situado numa zona de cota elevada e junto das ribeiras de São Martinho e Barrancão, assim como de um caminho que, para Norte, seguiria para Montemor-o-Novo e, para Sul, passaria pelas Minas de Carvão de Santa Susana, concelho de Alcácer do Sal, seguindo depois para a povoação de Santa Catarina de Sítimos e Alcácer, onde ao longo daquele se achavam várias atalaias, mas também alcarias (Figura 3).

A partir da aldeia de Santa Catarina de Sítimos até à povoação de Arez e Vale de Guiso, seguindo depois para a cidade de Alcácer, haveria uma série de torres atalaia e outras fortificações ao longo das margens da ribeira de Santa Catarina de Sítimos e do rio Sado, conforme se verifica pelos topónimos Porches, Parchanas, Portancho e Chagas, que controlavam todo o acesso àquele curso de água, mas também à via romana que por ali passava e que ligava Alcácer a Évora. Perto da povoação de Arez, nas margens da ribeira do Alfebre, localizavam-se as principais indústrias ligadas ao tingimento dos tecidos, enquanto o barro seria extraído, próximo das margens do Sado, onde hoje se localiza a Barrosinha (Figura 4).

A Sudoeste da cidade, seguindo pela via romana em direcção a Évora, achava-se o *hisn* do Torrão. A partir dele a via romana ramificava-se, seguindo em direcção a Évora protegida por várias torres de vigia, como a Atalaia da Quinta, e em direcção ao *hisn* das Alcáçovas e de Alcalá, ambos situados em zonas elevadas e junto de cursos de água (Figura 5). A Sul de Alcácer do Sal, próximo da costa, havia um outro

hisn que controlava o caminho de acesso às Minas da Caveira e ao redor do qual se articulavam as várias aldeias e alcarias, sempre situadas junto de cursos de água e com amplos espaços de cultivo.

Perto da actual cidade de Santiago do Cacém haveria um outro *hisn* que seria controlado pelo clã berbere *Banu Qasim*, achando-se em redor do mesmo várias alcarias, aldeias e almuinhas protegidas igualmente por torres atalaia. O topónimo Almagede no seio daquelas denuncia a existência de uma mesquita que seria utilizada pela comunidade rural (Figura 6). Prosseguindo em direcção a São Bartolomeu da Serra por um caminho de terra batida, passava-se por uma atalaia até alcançar um outro *hisn* e daí, até à actual povoação de São Domingos, onde estaria igualmente um castelo rural, junto da ribeira de São Domingos, e em torno do qual se situava a Alcaria Nova, Alcaria de Cima, Monte de Alcaria da Ribeira e Monte de Alcariota. Do *hisn* de São Domingos partiria uma via terrestre até Alvalade.

Seguindo para Sul, em redor da pequena *madina* de Odemira, articulavam-se várias unidades de povoamento, como a Alcaria e Alcaria Nova, situadas junto ao rio Mira e ribeira da Tamanqueira, assim como a Alcaria de Estombar, junto ao ribeiro dos Carapetos e o Alcarial, junto a um caminho e ribeira do Salto. Todos estes núcleos eram protegidos por torres localizadas ao longo das principais vias de comunicação, conforme se verifica pelo topónimo Catifarras. Próximo da costa, a cidade de Odemira era protegida por um *hisn*, conforme sugere o topónimo Monte Novo dos Arneirinhos, tendo sob o seu domínio a Alcaria do Clemente, Moinho da Alcaria e Alcaria Ventosa, situadas junto do rio Mira e ribeira do Vale, e Alcarias e Alcaria do Alto, situadas junto de serras (Figura 7).

Cada *iqlim* era administrado por clãs berberes, conforme se verifica na toponímia deixada pelos mesmos. A Norte de Alcácer do Sal persistem alguns desses topónimos como Bemposta e Lobatos (*Luwata*), cujos seus territórios seriam separados pelo ribeiro da Asseiceira. Na Península de Setúbal achar-se-iam os *Ben 'Affân* (Bonfim) e nos arredores da cidade de Alcácer, junto às margens do Sado, aparece topónimos como Benagazil e Benagazilinho que remetem para a presença dos *Ben al-Wazîr*, à semelhança daquilo que se verifica em Santiago do Cacém, onde para além destes estariam os *Banu Qasim* (Cacém), *Banu 'Isa* (Banaíça), situados também em Sines, e outros clãs de origem desconhecida,

através dos topónimos Bemposta, Benagala e Bem parece, encontrando-se, este último, também em Grândola e Sines. À semelhança de Santiago do Cacém, os *Banu Qasim* (Bem Casados) ocupariam similarmemente o território de Odemira, assim como as tribos Benafátima (Banu + Fátima), *Banu 'Amir* (Benamor), *Ben 'Abîd* (Benavide/Benavidinho) e outros clãs de origem desconhecida, através de topónimos como Bemposta, Bemcaniz e Bemfeita.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela análise da toponímia podemos concluir que a organização do povoamento rural muçulmano na *kura* de Alcácer do Sal obedecia a uma determinada hierarquia, onde *madina* e *hisn* tinham um papel polarizador, estruturando-se as restantes unidades de povoamento ao seu redor e deles directamente dependentes, como as *al-qarya*, *al-day'a* e *al-munya*, mas também os vários campos de cultivo e de pastagem. Por outro lado, a distribuição do povoamento derivava de vários factores, entre eles, as condições naturais, onde adquiria bastante relevo a riqueza dos solos e, particularmente, a abundância dos cursos de água, como os rios e as ribeiras, que condicionavam, naturalmente, a distribuição dos distintos povoados no território.

Os vários redutos defensivos situavam-se em zonas de cota elevada ou pequenos cerros aplanados e controlavam, essencialmente, os principais cursos de água navegáveis, como é exemplo as várias torres situadas junto às margens do Sado e da ribeira de Santa Catarina de Sítimos, e as principais vias de comunicação que ligavam os vários núcleos urbanos entre si, como a Atalaia da Quinta, junto ao *hisn* do Torrão, e as Atalaias junto aos *husun* de Vale da Asna, Palmela e *madina* de Odemira.

Após a tomada de Alcácer do Sal, em 1191, por parte dos Almóadas e a perda de alguns territórios a Norte, como Lisboa e Palmela, mas também a Sul, com a perda de Évora, tornaram aquela numa região de fronteira, obrigando a mesma a reestruturar o seu território, através da instalação de uma rede de fortificações, com a finalidade de barrar os movimentos dos exércitos cristãos que poderiam vir, tanto do Norte, como do Sul. Terão sido construídas, nessa altura, várias torres atalaia e pequenos castelos rurais nas margens do rio Sado, mas também ao longo da via romana que seguiria para Évora e que passaria pelos *husun* do Torrão e Alcáçovas. Todas

elas encontrar-se-iam articuladas entre si, permitindo uma defesa adequada da cidade de Alcácer do Sal, assim como dos pequenos núcleos urbanos e pequenas unidades de povoamento rurais que dela estariam dependentes.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Adalberto (2013) – *Dicionário de Arabismos da Língua Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

ACIÉN ALMANSA, Manuel (2001) – De nuevo sobre la fortificación del emirato. In FERNANDES, Isabel Cristina, coord. – *Mil Anos de Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (500-1500): Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos*. Lisboa: Edições Colibri – Câmara Municipal de Palmela, pp. 59-75.

BAIÃO, António; CIDADE, António; MÚRIAS, Manuel (1940) – *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, vol. I. Lisboa: Ática.

BAZZANA, André (1990) – *Archéologie de l'habitat médiéval dans l'ancien Sharq al-Andalus (Espagne orientale)*. Thèse d'État. Lyon: Université Lumière Lyon 2.

CALVO Capilla, Susana (2004) – Las mezquitas de pequeñas ciudades y núcleos rurales de al-Andalus. In *Ilu. Revista de Ciencias de las Religiones Anejos*. 10, pp. 39-63.

CARDOSO, Padre Luiz (1747) – *Diccionario Geografico, ou Noticia Historica de todas as cidades, Villas, Lugares, e Aldeas, Rios, Ribeiras, e Serras dos Reynos de Portugal, e Algarve, com todas as cousas raras, que nelles se encontraõ, assim antigas, como modernas*. Lisboa: Regia Officina Sylviana, e da Academia Real.

CASTILLO ARMENTEROS, Juan (1998) – *La campaña de Jaén en época emiral (s. VIII-X)*. Jaén: Universidad de Jaén.

CATARINO, Helena (1997) – O Algarve Oriental Durante a Ocupação Islâmica: Povoamento Rural e Recintos Fortificados. *al-ulyā*. Loulé: Arquivo Histórico Municipal de Loulé. Nº6. 3 vols., 1306 p.

COELHO, António, Borges (2008) – *Portugal na Espanha Árabe*. Lisboa: Editorial Caminho.

DOMÍNGUEZ Berenjano, Enrique (2000) – El registro territorial de Alcalá de Guadaira en época norteafricana (ss. XI-XIII). In *Actas de las VI Jornadas de Historia de Alcalá de Guadaira*. Alcalá de Guadaira: Ayuntamiento de Alcalá de Guadaira.

FERNANDES, Isabel Cristina (2004) – *O Castelo de Palmela: do islâmico ao cristão*. Lisboa: Edições Colibri.

GARCÍA SÁNCHEZ, Expiración (1992) – Abu Marwan `Abd al-Malik B. ABI L-ALA IBN ZUHR: Kitab Al-Agdiya (Tratado de los Alimentos). In *Fuentes Árabe-Hispanas*. 4. Madrid: C.S.I.C.

GUICHARD, Pierre – *Les Musulmans de Valence et la Reconquête (XI^e-XIII^e siècles)*, vol. I, Damasco, 1990.

LÉVI-PROVENÇAL, Evariste; GARCIA GÓMEZ, Emilio (1950) – *Una crónica anónima de Abd al-Rahmân III al-Nâsir*. Madrid – Granada: C.S.I.C - Instituto Miguel Asin.

LEITÃO, André; VIVAS, Diogo (2009) – A Presença Islâmica no Alentejo Litoral. Uma abordagem à luz da toponímia. In SILVA, Isabel; MADEIRA, João; FERREIRA, Sofia, coord. – *Actas do 1^o Encontro de História do Alentejo Litoral*. Sines: PSA-Sines-Câmara Municipal de Grândola, pp. 220-229.

LÓPEZ ELUM, Pedro (1994) – *La alquería islámica en Valencia. Estudio arqueológico de Bofilla: siglos XI a XIV*. Valência: Álvaro de Bazán.

LÓPEZ CUEVAS, Fernando (2014) – Las almunias de Madinat Qurtuba. Aproximación preliminar y nuevos enfoques. In *Anahgramas*. Universidad de Córdoba. 1, pp. 161-207.

MACHADO, José Pedro (1958) – *Influência árabe no vocabulário português*, 2 vol. Lisboa: Álvaro Pinto.

MACHADO, José Pedro (1997) – *Ensaio Árabe – Portugueses*. Lisboa: Editorial Notícias.

MARQUES, A. H. de Oliveira (1993) – *Nova História de Portugal: Portugal das Invasões Germânicas à "Reconquista"*, vol. II. Lisboa: Editorial Presença.

PEREIRA, Maria Teresa Lopes (2000) – *Alcácer do Sal na Idade Média*. Lisboa: Edições Colibri.

PICARD, Christophe (1997) – *L'Océan Atlantique musulman: de la conquête arabe à l'époque almohade: navigation et mise en valeur des côtes d'al-Andalus et du Maghreb occidental (Portugal – Espagne – Maroc)*. Paris: Unesco.

PICARD, Christophe (2000) – *Le Portugal musulman (VIII^e – XIII^e siècle): l'occident d'al-Andalus sous domination islamique*. Paris: Maisonneuve et Larose.

REI, António (2012) – *O Gharb Al-Andalus Al-Aqsâ Na Geografia Árabe: (séculos III h. / IX d.c. – XI h. / XVII d.c.)*. IEM – Instituto de Estudos Medievais.

TAHIRI, Ahmed (2001) – *Agricultura y poblamiento rural en Sevilla durante la época `Abâdî*. Sevilla: Ayuntamiento de Sevilla.

TORRES, Cláudio (1997) – O Garb-Al-Andaluz. In MATOS, José, dir. – *História de Portugal, [vol. 1]: Antes de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, pp. 329-384.

TRILLO SAN JOSÉ, Carmen (2004) – *Agua, Tierra y Hombres en Al-Andalus: La dimensión agrícola del mundo nazarí*. Granada: Ajbar.

TRILLO SAN JOSÉ, Carmen (2006) – La alquería y su territorio en Al-Andalus: estrategias sociales de organización y conservación. In *Arqueología Espacial*. 26, pp. 243-262.



Figura 1 – Território português, delimitação da área geográfica em estudo.



Figura 2 – Localização dos topónimos Almoimha e Azóia nos arredores do *hisp* de Sesimbra (Carta Militar de Portugal à escala 1:25 000, folha nº 464).

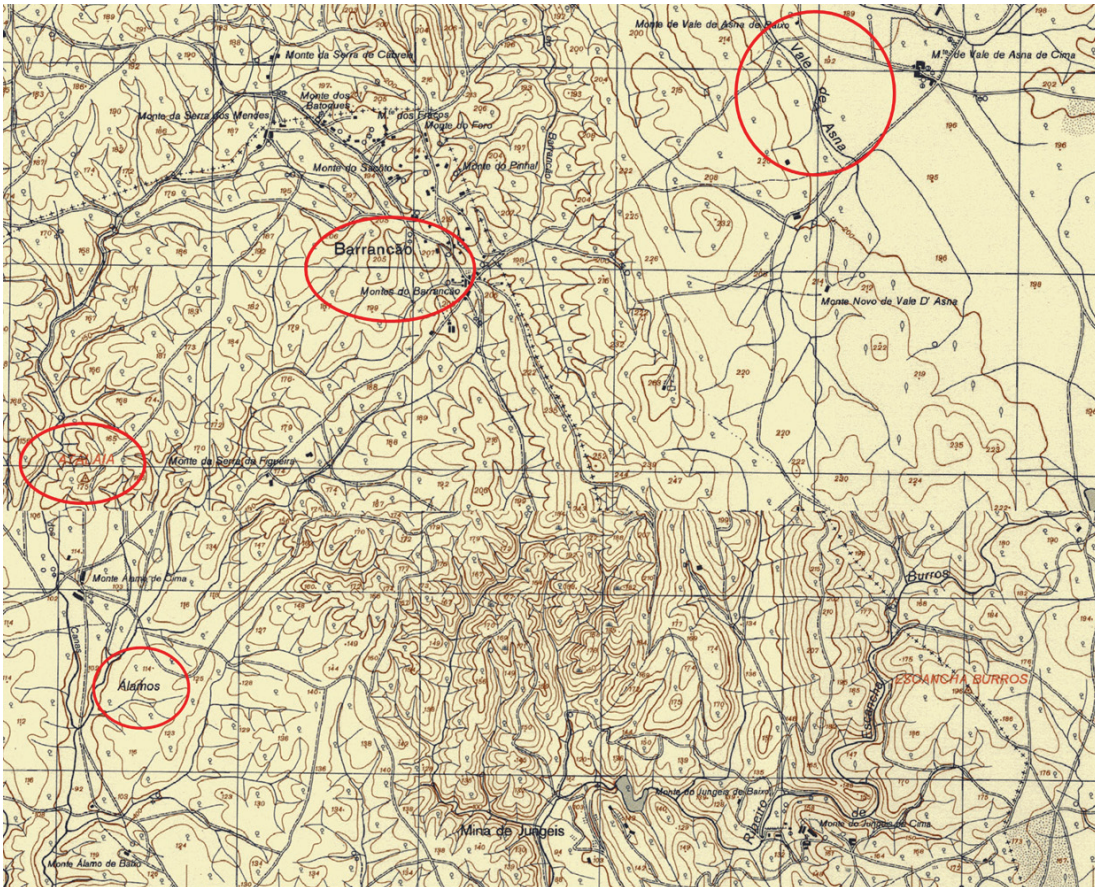


Figura 3 – Topónimos de origem árabe em torno do *hisp* de Asna situado na freguesia de São Martinho, concelho de Alcácer do Sal (Carta Militar de Portugal à escala 1:25 000, folha nº 457).

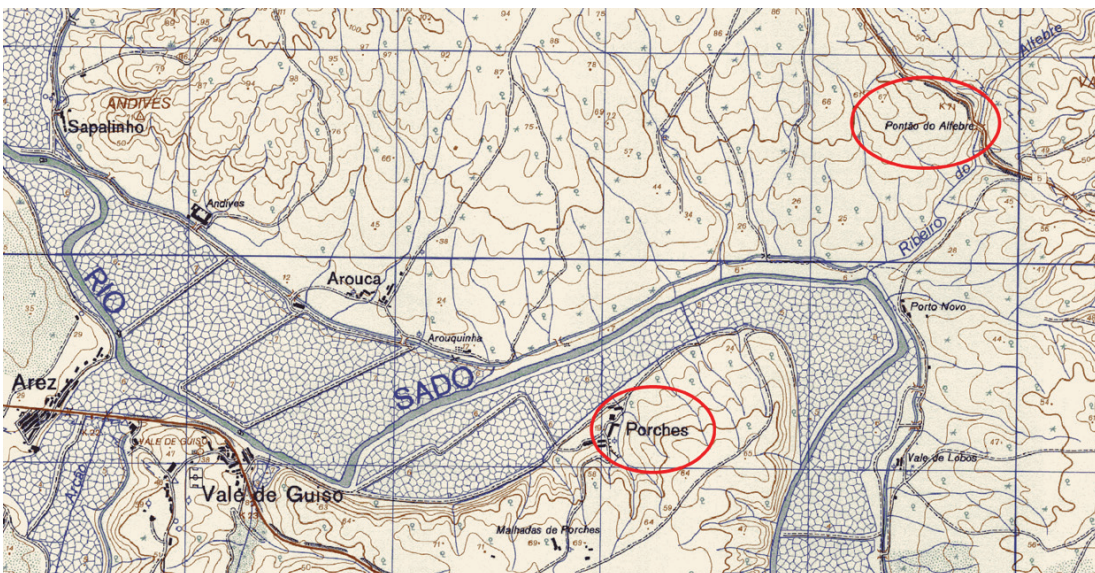


Figura 4 – Localização dos topónimos Porches e Alfebre junto às margens do rio Sado em Alcácer do Sal (Carta Militar de Portugal à escala 1:25 000, folha nº 486).

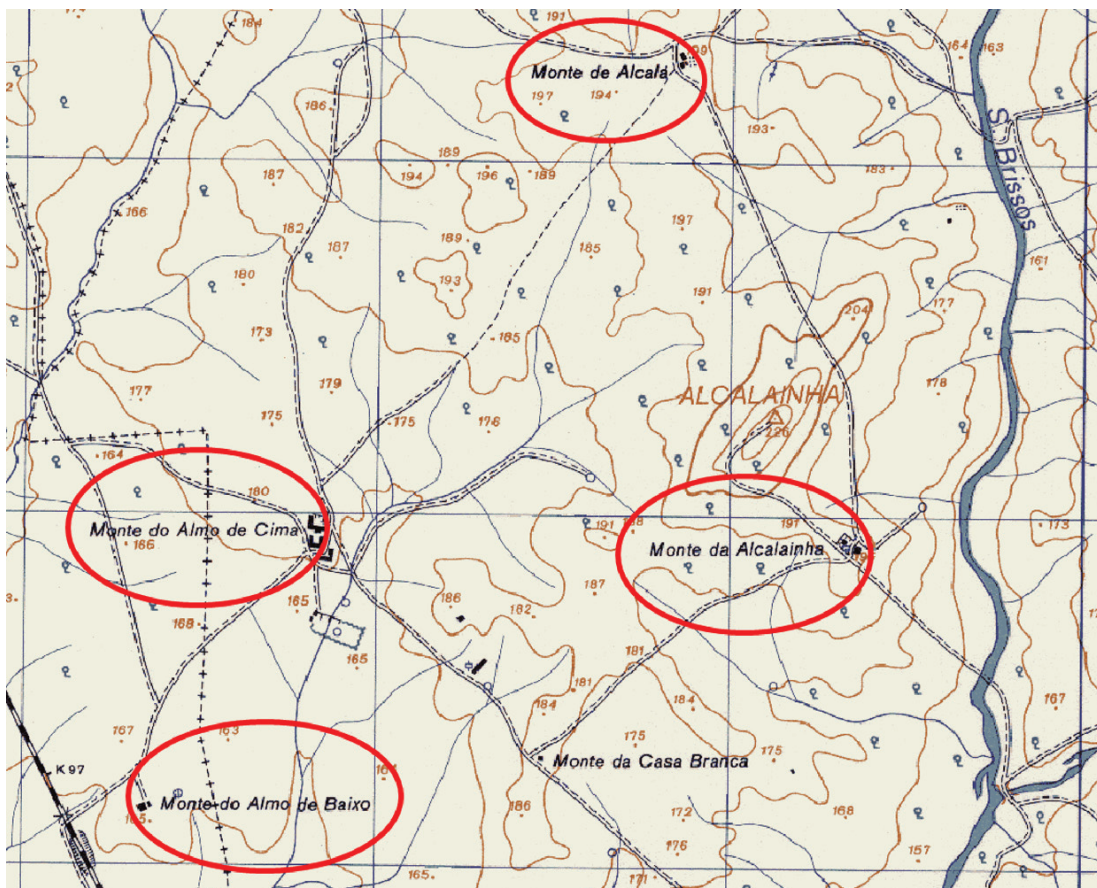


Figura 5 – Localização do *Hisn* Alcalá e estrada do Almo, concelho de Évora (Carta Militar de Portugal à escala 1:25 000, folha nº 470).

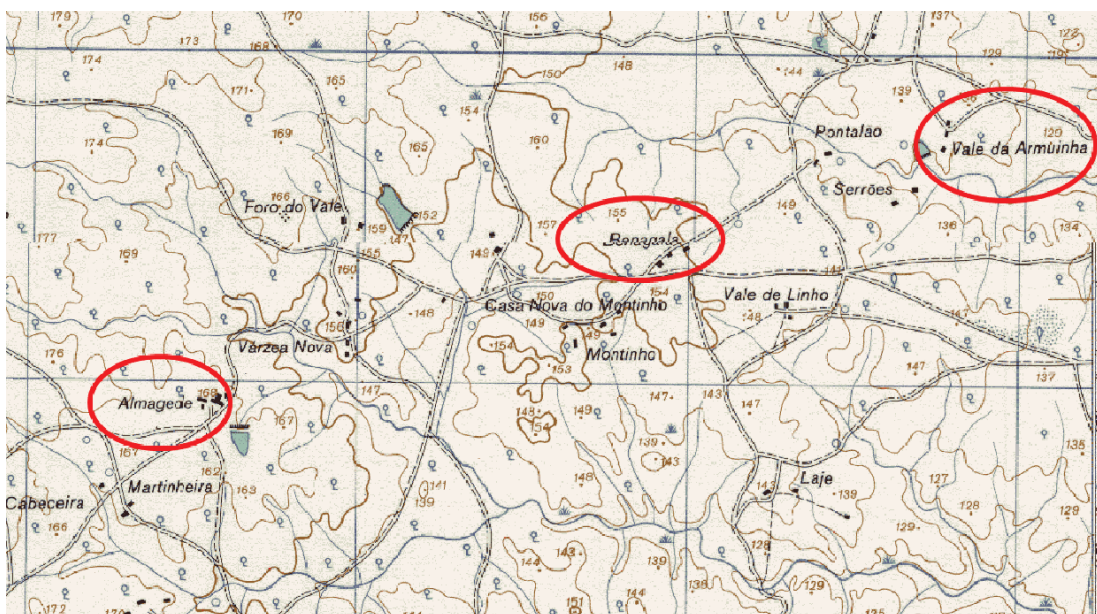


Figura 6 – Topónimos Almagede, Benagala e Armuinha nos arredores do *hisn* de Santiago do Cacém (Carta Militar de Portugal à escala 1:25 000, folha nº 517).

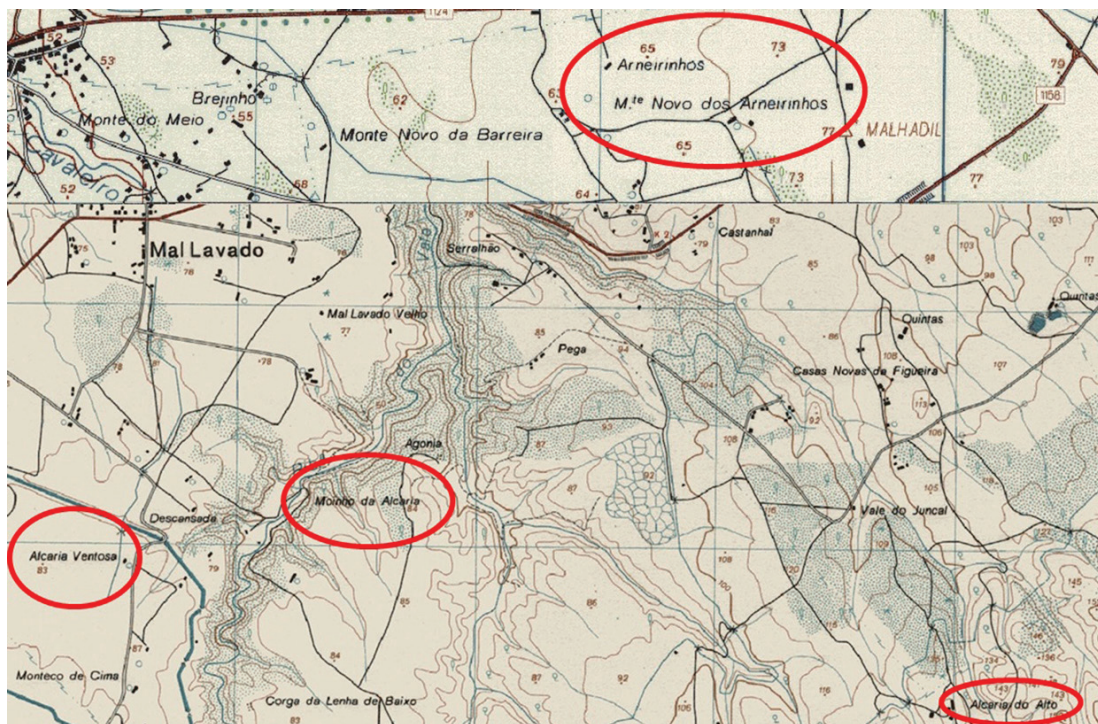


Figura 7 – *Hisp* do Monte Novo dos Arneirinhos e as alcarias inseridas no seu alfoz nos arredores de Odemira (Cartas Militares de Portugal à escala 1:25 000, folhas n.ºs 552 e 560).



Patrocinador oficial